

## Opinião

## A gestão e os apagões

pula do governo federal. O descaso marcado pelo corte de verbas para a defesa promovido nos últimos anos contribuiu, por exemplo, para o ressurgimento de casos de febre aftosa. O retorno da doença arranhou a imagem das carnes brasileiras, gerou embargos e deixou o País mais distante dos mercados mais lucrativos.

Mesmo assim, parece que a equipe econômica não ficou sensibilizada com a importância da defesa agropecuária. No orçamento deste ano foram bloqueados 52% dos recursos destinados à área. Dos R\$ 265 milhões aprovados em lei pelo Congresso, sobraram apenas R\$ 127,4 mi para as ações programadas para este ano. É insuficiente.

Para se ter idéia da diferença entre investimento e resultado, a renda agrícola – da porteira para dentro – das 20 principais lavouras do País deverá alcançar R\$ 111,178 bilhões em 2007, segundo levantamento do coordenador de planejamento estratégico do MAPA, José Garcia Gasques. O valor reservado é pequeno para oferecer segurança ao setor com tal magnitude de renda.

O valor da defesa sanitária é inversamente proporcional ao modo como ela é tratada. Infelizmente, é sempre uma das primeiras áreas a sofrer contingenciamento de verbas.

Com o arranque econômico do agro-negócio brasileiro e sua conseqüente internacionalização, a defesa deveria ser alçada ao *status* de um órgão, com força política, como, por exemplo, nos moldes de uma agência reguladora, para junto com o MAPA fortalecer o setor sob o ponto de vista da segurança sanitária. Um órgão que aliasse conhecimento técnico e poder político em favor de uma gestão integrada para a defesa agropecuária do País. ■



João Sampaio\*

**D**ADOS INICIAIS apontam um prejuízo das companhias aéreas com os atrasos e cancelamentos de vôos estimados em R\$ 80 milhões. Além disso, as duas principais companhias aéreas brasileiras perderam R\$ 5 bilhões pela desvalorização das suas ações desde setembro do ano passado, quando houve o mais grave acidente aéreo da história do País. Quem mais perde, além do usuário, que fica horas nos aeroportos sem conseguir ir e nem chegar?

O “apagão aéreo” também afeta o agro-negócio. Empresas exportadoras ou importadoras de cargas perecíveis, produtos agrícolas ou de alimento processado, que usam a via aérea, sofrem com os atrasos e cancelamentos de vôos. Um caso emblemático é o dos produtores de flores de Holambra, interior de São Paulo, que já perderam muito dinheiro.

A verdade é que padecemos da síndrome do apagão em diversas áreas. Tudo se resume a um apagão de gestão, e, mais grave, uma escuridão na gestão estratégica do País.

A crise aeroportuária é a mais evidente vitrine do apagão de gestão mas, no fundo, diria que o nosso setor também carece da mesma ausência de planejamento por parte do governo central.

Peguemos a crise da defesa sanitária: ficamos no escuro e expostos às barreiras comerciais dos países importadores. São

Paulo, por exemplo, por causa dos casos de aftosa que aconteceram em Mato Grosso do Sul e no Paraná, é vítima dos embargos da União Européia e do Chile desde outubro de 2005 e já perdeu quase US\$ 1 bilhão em exportações de carne bovina. Isso significa menos renda para o pecuarista e não-geração de empregos na indústria frigorífica.

E o que foi feito para resolver isso? Planejamento só no papel, até agora. Também não se apresentam medidas imediatas para remediar a situação. O contingenciamento das verbas federais do setor em 52% é uma mostra de que continuaremos na penumbra da má gestão.

Com a expectativa de safra recorde de grãos, prevista pela Conab em 131,1 milhões de toneladas, devemos sofrer a escassez de armazéns. As nossas estradas, principalmente na Região Centro-Oeste, estão em estado lastimável. Paliativos como a Operação Tapa-Buraco nas rodovias federais parecem não clarear os caminhos e continuamos vivendo o apagão.

Gestão estratégica envolve integração dos poderes estaduais, federal e a sociedade organizada. Não se restringe tão somente a investimentos financeiros (o que também nos falta) mas, sim, na adoção de um modelo econômico para o País. A aposta na produção agrícola como grande impulsionadora da economia de uma nação deve ser encarada à luz da urgência da distribuição de renda, do desenvolvimento tecnológico e do crescimento econômico. E isso não são falácias. Qual é o maior país agrícola do mundo? São os EUA os maiores exportadores de tecnologia e a maior economia do mundo.

A pensarmos dessa perspectiva norteamericana, não podemos ficar nas políticas sombrias e incertas de gerenciamento de crises e sim termos clareza da necessidade de gestão estratégica. Do contrário, continuaremos sentados por horas nos aeroportos à espera da iluminação das pistas do desenvolvimento. ■

\* Secretário de Agricultura e Abastecimento do Estado de São Paulo. Ex-presidente da Sociedade Rural Brasileira

\* Presidente da Sociedade Rural Brasileira (SRB)